

ITINERARIO DAS ARTES PLASTICAS

JAYME MAURICIO

VIII Bienal é o assunto

SÃO PAULO — O grande assunto continua sendo a próxima VIII Bienal de São Paulo, a ser inaugurada no dia 4 de setembro próximo, caso um novo chefe do governo não provoque seu adiamento, como aconteceu com os dois últimos. Os paulistas vivem na maior expectativa e por tôdas as galerias e residências o tema é a próxima premiação, os já premiados, os membros do júri, a orientação etc. A discussão mais séria é a da futura orientação da mostra no que diz respeito à participação dos artistas. Artigos pelos jornais paulistas desenvolvendo ampla e muitas vezes confusa argumentação. O último foi o do desenhista Fernando Lemos. A discussão é realizada com veemência e o lugar comum da situação artístico-cultural brasileira em face de uma exposição fundamentada em suas congêneres européias (o País não estava e não está apto para consumir uma exposição que vai-se tornando privilégio das elites) parece ser o grande problema.

Enquanto os paulistas, individualmente, vão discutindo através do **Estadão**, a Associação Brasileira de Críticos de Arte vai realizando reuniões serenas e sérias para a reformulação, não apenas das bienais paulistas, que hoje pertencem praticamente ao poder público que as subvenciona (aos 60 milhões do Itamarati juntaram-se os 25 milhões da Prefeitura de São Paulo e mais a dotação do Estado de São Paulo, dotações obtidas exclusivamente, é necessário dizer, do prestígio pessoal de Francisco Matarazzo Sobrinho e não do reconhecimento puro e simples da mostra, como seria o correto) como também dos salões oficiais.

O curioso é o debate intenso em torno do pintor-escultor-desenhista de Guaratinguetá, Quissak Jr., o jovem artista desconhecido que ingressou na Bienal com todos os trabalhos que enviou. Há uma grande prevenção contra ele, não há dúvida, nem tanto por haver sido aprovado pelo júri mas pelas possibilidades que esse mesmo júri teria deixado ao môço para levantar um grande prêmio nacional. Existe o problema da vez, ou seja, de uma espécie de fila para premiação, como

se o futuro júri de premiação nada mais tivesse a fazer, no plano nacional, do que os paulistas já decidiram. É engraçado e um pouco provinciano, já decidiram, por exemplo, que o prêmio de desenho será de Odriozola, o prêmio de gravura de Maria Bononi, esta por haver sido injustiçada na VII Bienal e na última Bienal de Veneza, injustiça contra a qual lutamos, é verdade, mas que não pode estabelecer padrões de julgamento futuro num júri cuja constituição é ainda uma incógnita.

Evidentemente, os paulistas têm o direito de formar uma opinião aproximada dos valores maiores ou menores que participaram das exposições dos dois últimos anos em São Paulo, apenas. Mas como a bienal é paulista, seus diretores paulistíssimos, e São Paulo para eles é o centro de tudo, a premiação teria forçosamente de ser paulista, mas paulista da capital e não do interior, especialmente do Vale do Paraíba. E ficam um pouco assustados quando surgem valores indiscutíveis como é o caso do escultor **Sérgio de Camargo**, cuja exposição individual causou o mais forte impacto nos operosos bandeirantes. Não ocorre pensar que os membros do grande júri — a Bienal não abre mão da política de um júri numeroso que permita a todos a defesa do seu prêmio de compensação. Já que os maiores geralmente vão para os centros mais desenvolvidos — mas como dizíamos, não ocorre pensar que os membros do júri talvez tenham idéias diferentes do júri de seleção e da opinião da política artística da paulicéia. A impressão geral é de que os respeitáveis senhores acabaram fazendo o que São Paulo quiser, lavando as mãos da política local para melhor defender os seus interesses.

Essa situação confusão e tensa seria evitada se os membros do júri de premiação, como em Veneza, fôsem limitados a um número de apenas cinco. Mas como o número é ditado pela direção da Bienal, podendo chegar até a 15, cria-se esse ambiente de pura política com grande prejuízo para o bom nome da mostra. São problemas velhos e crônicos ao que parece.

A bienal avisa aos artistas que participaram das mostras passadas e aos que participarão da próxima que compareçam à secção dos arquivos, munidos de duas fotografias 3 x 2,5, a fim de receberem os permanentes definitivos que permitem assistir a tôdas as manifestações do certame.

As obras dos artistas brasileiros que vivem no estrangeiro até segunda-feira última ainda estavam retidas em Santos, esperando-se que ainda nesta semana o júri de seleção possa julgá-las.